

## REFLEXÕES ENTRE TRABALHO, MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE: O COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS DAS ROMARIAS DE BOM JESUS DA LAPA

REFLEXIONES ENTRE TRABAJO, MEMORIA Y RELIGIOSIDAD: EL  
COMERCIO DE ARTÍCULOS RELIGIOSOS DE LAS PEREGRINACIONES  
DE BOM JESUS DA LAPA

**Karolyny de Oliveira Almeida**

**Ana Elizabeth Santos Alves**

UESB/ karolalmeidauefs@gmail.com.br

UESB/ Ana\_alves183@hotmail.com

### **Resumo:**

O artigo está centrado na relação entre Memória e Trabalho, no contexto do espaço turístico-religioso da cidade-santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia, Brasil. A cidade se constituiu histórica e tradicionalmente como um lugar sagrado e de romarias, para onde peregrinos passaram a se deslocar, a partir do século XVII, referenciados pela memória social de que nele habitava o Senhor Bom Jesus. Essa memória permanece viva, sendo mobilizada de modos diferentes por fiéis e trabalhadores (as), ao mesmo tempo em que cria as condições para o trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos na frente do Santuário. A discussão busca compreender a relação existente entre a memória socialmente construída sobre a sacralidade da cidade de Bom Jesus da Lapa e a elaboração de estratégias das pessoas que sobrevivem do comércio de artigos religiosos na porta do seu santuário.

**Palavras-Chave:** Memória Social. Trabalho Informal. Religiosidade. Bom Jesus da Lapa.

**Resumen:**

El artículo se centra en la relación entre memoria y trabajo en el contexto del espacio turístico-religioso de la ciudad-santuario de Bom Jesus da Lapa, Bahia, Brasil. La ciudad se constituye histórica y tradicionalmente como un lugar sagrado y de peregrinación, donde los peregrinos vienen a pasar a partir del siglo XVII, al que hace referencia la memoria social que habitó el Buen Señor Jesús. Esta memoria se mantiene viva, siendo movilizada en diferentes formas por los creyentes y de trabajadores (as), al tiempo en que crea las condiciones para el trabajo de las personas que viven del comercio de artículos religiosos en frente del Santuario. El análisis busca entender la relación entre la memoria construida socialmente sobre el carácter sagrado de la ciudad de Bom Jesus da Lapa y la elaboración de estrategias de la gente que sobrevive del comercio de artículos religiosos, a la frente de su santuario.

**Palabras clave:** Memoria Social. Trabajo informal. Religiosidad. Bom Jesus da Lapa.

**Introdução**

O presente artigo cujo título é Reflexões entre trabalho, memória e religiosidade: o comércio de artigos religiosos das romarias de Bom Jesus da Lapa pretende encetar algumas discussões a respeito da pesquisa centrada nas relações entre memória e trabalho, tomando por interesse central, o trabalho informal das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos no espaço turístico-religioso da cidade de Bom Jesus da Lapa, localizada no interior da Bahia, no Brasil.

A cidade de Bom Jesus da Lapa está situada no Médio São Francisco, região do polígono da seca. Considerada como cidade-santuário, foi historicamente construída como “local de luz”, de fé, de “solo sagrado”, de peregrinações e de romarias. Segundo Malheiros (2008) e Steil (1996), Bom Jesus da Lapa já nasceu como um lugar sagrado e a gênese do seu processo de constituição esteve relacionada à convicção religiosa de que pisar no seu solo, visitar a grande formação de pedras<sup>i</sup> (em torno da qual o processo de sua sacralização foi emergindo) e expressar a devoção ao Senhor Bom Jesus, abrigam algo de sobrenatural que possibilita às pessoas serem alcançadas por graças e bênçãos. A sacralização do lugar se dá

pela concepção de que “há locais privilegiados em que Deus se manifestou” (ROSENDAHL, 1996, p. 36).

A tradição de romarias de Bom Jesus da Lapa é identificada como um fenômeno que se situa na esfera do sagrado, do religioso, da cultura e das tradições, e está relacionada, de maneira muito direta, com uma memória social que construiu e mantém Bom Jesus da Lapa como um lugar sagrado. Essa memória, socialmente construída, extrapola os limites da cidade e da região, já que é compartilhada por pessoas de diversos lugares, e no espaço das romarias, nos gestos relacionados à sua tradição, nos mitos construídos no processo de sacralização desse lugar, ela se materializa como “lugares de memória” (NORA, 1981).

Caracterizada predominantemente por sua função religiosa, os contornos da estrutura econômica, comercial e, sobretudo, cultural de Bom Jesus da Lapa, foram se constituindo e se moldando sob as influências do sagrado e da religiosidade, ratificando o que Rosendahl (1996) salienta ao afirmar que “as cidades-santuários são centros de convergência de peregrinos que, com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e do espaço” (ROSENDAHL, 1996, p. 46).

Em uma lógica segundo a qual o sertão não teve, historicamente, possibilidades de dinâmica econômica expressivas, as romarias, as peregrinações e o turismo religioso foram configurando a economia da cidade de Bom Jesus da Lapa. Portanto, o turismo voltado à expressão da religiosidade emergiu como uma possibilidade.

Apesar de, atualmente, o município apresentar uma relativa dinâmica econômica calcada na agricultura irrigada, com a exploração do agronegócio voltado à produção e exportação de frutas, o comércio local ainda depende do impulso dado pelas romarias, que aquece os serviços ligados à hospedagem e à alimentação e, especialmente, cria condições para o comércio dos trabalhadores informais, diretamente ligados ao circuito do turismo pela venda de artigos religiosos.

O trabalho informal de comerciantes de artigos religiosos em certa medida é a expressão concreta dos processos de precarização do trabalho e da vida, no espaço turístico religioso de Bom Jesus da Lapa. Essas possibilidades de trabalho e sobrevivência foram direcionando as formas de organização do espaço urbano e das relações sociais da cidade. Considerando que se tratam de possibilidades emergidas no âmbito de reprodução do capital, também produzem formas e relações sócio espaciais capazes de expressar as contradições do sistema capitalista.

### **A religiosidade, a memória e a economia, na compreensão do trabalho dos comerciantes de artigos religiosos de Bom Jesus da Lapa**

Para a compreensão do trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa, em suas relações com a memória, foi delimitado como foco central, a relação entre a memória socialmente constituída sobre a cidade santuário de Bom Jesus da Lapa e o trabalho informal de homens e mulheres trabalhadores das suas romarias, considerando que nessa cidade foi se constituindo uma memória social que se tornou lugar objetivo e foi apropriada como recurso de sobrevivência por trabalhadores (as) sem emprego formal, que passam a viver da sacralidade do lugar, constituindo um modo específico, através das experiências vividas, percebidas e modificadas, no espaço que é, a um só tempo, de religiosidade, de memória e de trabalho.

Objetivando compreender a relação existente entre a memória socialmente constituída sobre a sacralidade da cidade de Bom Jesus da Lapa e a elaboração de estratégias das pessoas que sobrevivem do comércio de artigos religiosos na porta do seu santuário, tomamos por caminho teórico-metodológico, o entendimento do lugar que hoje é Bom Jesus da Lapa, contextualizando-o especialmente, já que o entrecruzamento da memória e do trabalho – que constituem os eixos centrais da análise – acontece exatamente nos lugares e nos espaços, com toda a complexidade que estes abrigam.

Nesse sentido, destacamos que as realidades sociais são constituídas a partir de múltiplas dimensões, cujos elementos se entrecruzam formando uma trama complexa. O processo de construção de cada lugar possui relação, sobretudo, com sua trajetória histórica, com as peculiaridades que envolvem suas características e localização geográfica, com a cultura que foi sendo solidificada neles ao longo do tempo, com a economia e, com a memória social, que - constituída a partir de uma relação de influências recíprocas com as dimensões mencionadas – se impregna ao lugar, ao espaço, ao concreto, interferindo nas experiências que nele são constituídas, vividas, percebidas e/ou modificadas.

Halbwachs (2006) defende a importância da memória socialmente constituída, no processo de constituição dos espaços concretos, do mesmo modo que estes - enquanto contextos de referência -, funcionam, simultaneamente, como referencial para a construção das memórias, como o entorno social ao qual as pessoas se reportam quando precisam

recompor o passado comum e como a materialidade na qual a memória se apega. Isso porque para Halbwachs (2006), a memória se concentra no espaço, nos objetos e no concreto, como uma forma de adquirir durabilidade, já que as impressões se sucedem umas às outras de maneira muito acelerada, mas o concreto dura. É desse modo que, para esse autor, os espaços concentram memórias, justamente porque a relação entre ambos é inextrincável.

Os lugares que possuem uma ordem espiritual predominante e são caracterizados, principalmente, pela sacralidade, normalmente são marcados pelas práticas religiosas de peregrinação e romaria. Para Rosendahl (1996), por possuírem um caráter sagrado atribuído ao espaço, esses lugares possuem uma organização espacial, social, econômica e cultural interna, específica, inclusive por também sofrerem as influências dos peregrinos que, enquanto agentes modeladores, a partir da vivência com o espaço sagrado, interferem em grande medida em sua organização.

A cidade santuário de Bom Jesus da Lapa se mantém em sua sacralidade, porque enquanto espaço geográfico, concreto e abstrato, contém traços duradouros, que foram resistindo, permanecendo no decorrer de uma longa duração e desse modo contribuindo também para a longa duração da própria memória social construída em torno do seu espaço e dessa sacralidade.

Na perspectiva deste estudo, Bom Jesus da Lapa é, a um só tempo, o contexto de referência para a constituição da memória social construída e continuamente mobilizada em torno de si mesma - do seu espaço, da sua sacralidade -, e o espaço sobre o qual estão inscritos os traços que possibilitam a constante recomposição e mobilização dessas memórias. Por isso, consideramos que o próprio lugar é um quadro social que comporta valores e noções importantes para a vida de muitas pessoas, constituindo-se também um lugar de memória (NORA, 1981), tendo em vista a clara intenção de preservação da sacralidade do lugar, da tradição de romarias e de toda ritualística e movimento relacionados a elas.

Contudo, se for olhado a partir do ponto de vista econômico, o processo de conformação dos lugares, e conseqüentemente das realidades sociais a eles atreladas, é também influenciado pelo modo de produção hegemônico que, de acordo com as suas lógicas, interfere na configuração dos lugares, e nas suas trajetórias econômicas, sociais, históricas e culturais.

Nas considerações que tecemos neste estudo, nos baseamos nas compreensões de Santos (2004)<sup>ii</sup>, que defende que o espaço, a sua conformação e suas características, possuem

uma relação estreita com a economia, de modo que os próprios espaços refletem a produção e a reprodução das contradições socioeconômicas. Tomamos as ideias desse autor, sobretudo em virtude das suas concepções a respeito do espaço, no que tange a coexistência de duas realidades contraditórias. Ao categorizá-lo a partir da teoria do “espaço dividido”, segundo a qual desenvolvimento e subdesenvolvimento – enquanto expressões concretas da contradição - são facetas de uma mesma realidade, Santos (2004) tece as suas explicações a respeito da materialização das contradições do sistema capitalista na economia e no espaço.

Disso resulta que o sistema capitalista cria, a partir da heterogeneidade da realidade social, as condições ideais para materializar as suas lógicas contraditórias, expansionistas e seletivas, ao mesmo tempo em que é a partir de tais lógicas que se configura a heterogeneidade referida. São aos problemas advindos dessa heterogeneidade, estrategicamente produzida pelo capitalismo, que nos voltamos, com a finalidade de compreender o alto grau de bipolaridade da economia e do mercado.

Tomamos este caminho para nos situarmos em relação às atividades de pequena dimensão, relacionadas principalmente aos pobres - como as atividades de fabricação não inseridas na economia moderna, os serviços, como o trabalho doméstico, o comércio de pequenas proporções, que tanto pode ocupar um pequeno espaço, estruturalmente precário e lidar com estoques reduzidos, como podem ser desenvolvidos mesmo na indisponibilidade de um espaço exclusivamente destinado para tal, em casa ou nas ruas pelos “vendedores ambulantes” ou “vendedores de rua”.

De acordo com os estudos de Santos (2004), estas atividades que foram chamadas por autores como Geertz (1963, p. 34, apud SANTOS, 204, p. 39) de “bazaar economy, com realidades modernas, de alta produtividade e/ou economicamente organizadas e formalizadas, enquanto realidades coexistentes, pois que, apesar das disparidades próprias de uma realidade contraditória e heterogênea serem reais, isso não significa a fragmentação da sociedade em dualidades, pois todos os fenômenos desiguais e contraditórios se entrecruzam dentro de uma só sociedade em um processo de dependência histórica e estrategicamente produzida e sustentada (SANTOS, 2004).

Resultados diretos da modernização tecnológica, seja porque relacionado a atividades e indivíduos que bebem mais de perto na fonte do progresso fruto dessa modernização, seja porque “se dirige a indivíduos que só se beneficiaram parcialmente ou não se beneficiaram dos progressos técnicos” (SANTOS, 2004, p. 38), os dois circuitos da economia, definidos

por Santos (2004), como “circuito inferior” e “circuito superior”, correspondem, respectivamente, em linhas bem gerais, às formas de atividade de pequena dimensão que interessam principalmente às populações pobres (atividades de fabricação tradicional, artesanato, pequeno comércio autônomo, transportes tradicionais e prestação de serviços), e ao subsistema comandado pelas variáveis mais modernas do centro do sistema mundial (comércio e indústria modernos, comércio de exportação e importação, grandes bancos e etc.).

Nesse sentido, o circuito inferior é caracterizado por atividades de produção ou comércio de dimensões muito reduzidas, nas quais os produtores e comerciantes dispõem de pequeno capital, nenhum capital ou de um crédito limitado; trabalham com uma tecnologia obsoleta ou tradicional, têm uma organização deficiente, lidam em geral com pequenas quantidades (de fabricação e/ou vendas), com estoques limitados, com uma multiplicidade de serviços, e se utilizam de muita criatividade e de uma “miraculosa capacidade de recuperação” (SANTOS, 2004) para que quase nada se perca e a vida útil das peças, utensílios e mesmo de objetos simples como, por exemplo, um pedaço de madeira, uma lata, um jornal, seja ampliada<sup>iii</sup>.

Ao contrário do que pode aparentar, esse circuito não está dissociado da economia moderna e da acumulação capitalista (ABÍLIO, 2011; SANTOS, 2004; TAVARES, 2004; ARAÚJO e OLIVEIRA, 2011) e “constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional” (SANTOS, 2004, p. 202). Além disso, normalmente, as atividades exercidas nesses negócios, são as suas principais, ou mesmo únicas, fontes de sobrevivência, o que os coloca numa relação direta com a urgência da satisfação de necessidades que se reproduzem continuamente.

A sustentação funcional do circuito inferior tem uma ligação muito próxima com o desemprego. O quadro de diminuição crescente do emprego agrícola e industrial, reflexo das inovações e modernizações tecnológicas, associado ao crescimento da força de trabalho, tem conduzido a um aumento da exploração de atividades de pequeno porte. Essas atividades, muitas vezes improvisadas, mostram-se como possibilidades – mesmo que informais e precárias -, para a reprodução dos crescentes índices de trabalhadores desempregados<sup>iv</sup>, proporcionando os seus sustentos e de suas famílias, mesmo que com possibilidades de consumo restritas.

Conforme já referido, Santos (2004) define as atividades de pequenas, dimensões, enquanto próprias do “circuito inferior da economia”. Contudo, apesar de considerarmos as

análises do referido autor a respeito deste circuito, optaremos epistemologicamente pela denominação “atividades de pequenas dimensões”, por entendermos que a palavra “inferior” confere uma conotação infra a atividades que constituem a sobrevivência de milhares de trabalhadores (as).

Tendo em vista a situação atual do emprego, sobretudo para o contingente de trabalhadores sem qualificação, com pouco ou nenhum capital e com necessidades de sobrevivência imediatas, as atividades de pequenas dimensões representam a possibilidade de um ingresso mais rápido em ocupações, mesmo que sejam pouco significativas (econômica, social e/ou financeiramente), aleatórias e temporárias.<sup>v</sup> No rol da atividade dos sapateiros, alfaiates, pequenos merceiros, carroceiros e motoristas de taxi, pedreiros e engraxates, carregadores de água, plantonistas, meninos de recado e domésticas de todo o tipo, estão incluídas as atividades dos comerciantes de pequena dimensão e dos vendedores ambulantes e vendedores de rua.

Esses trabalhadores da economia dita “pobre” fazem parte de uma parcela muito específica da “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2009), ou classes que vivem do trabalho, considerando a diversidade: os trabalhadores informais em trabalho precário. Araújo e Oliveira (2011), Abílio (2011), Tavares (2004), Druck e Oliveira (2008), Filgueiras, Druck e Amaral (2004), Durães (2011), entre outros, discutem essas atividades de pequena dimensão - que Santos (2004) analisou como componentes do circuito inferior da economia -, a partir do conceito de informalidade, trazendo para o cerne das discussões, o desdobramento delas, em uma infinidade de outras atividades que emergem na contemporaneidade.

Dentre essas novas atividades de trabalho informal - que Druck e Oliveira(2008) consideraram como uma “condição provisório-permanente” para a imensa massa de trabalhadores, necessária à reprodução do sistema capitalista -, estão incluídos os trabalhadores terceirizados das grandes empresas, os quais Tavares (2004) considerou como “os fios (in)visíveis da produção capitalista”, as revendedoras de cosméticos analisadas por Abílio<sup>vi</sup> (2011), os “camelôs globais de produtos tecnológicos”, estudados por Durães (2011), entre outras tantas atividades, que se situam entre a falta de oportunidades de emprego e a lógica da sobrevivência imediata. Filgueiras, Druck e Amaral (2004) analisam a informalidade, como comportando fenômenos de naturezas muito distintas, dos quais fazem parte, desde as microempresas às atividades criminosas, perpassando por atividades como as do trabalhador autônomo, do empregado assalariado, sem carteira assinada, do pequeno

produtor, além das atividades da economia subterrânea ou submersa, do empregado doméstico, do trabalhador terceirizado, do trabalho a domicílio, das cooperativas de trabalho (FILGUEIRAS; DRUCK; AMARAL, 2004, p. 212).

Do lado oposto do trabalho regular, dito formal, existe ainda outra forma de “trabalho ‘informal’, desregulado, não-contabilizado” (DURÃES, 2011, p. 135), que se apresenta como um meio de sobrevivência possível, tanto para trabalhadores que migraram do campo e não conseguem se inserir no mercado de trabalho formal, quanto para trabalhadores que tinham empregos formais, mas que se encontram em situação de desemprego. Dentre as diversas formas que o trabalho foi assumindo historicamente no capitalismo, tendo como foco o trabalho informal em condições precárias, incluem-se os diversos tipos de “trabalhos de rua” (DURÃES, 2011).

Durante muito tempo essas formas de trabalho foram consideradas como atividades que não contribuía para o crescimento do capitalismo. Entretanto o que as análises mais recentes demonstram é o surgimento de uma nova compreensão, que emerge no início do século XXI: a “do trabalho de rua (informal) não apenas em simbiose e interconexão (complementaridade) com o trabalho formal, mas se apresentando como um meio, por excelência, de expansão do capital, como uma nova via de acumulação” (DURÃES, 2011, p. 136).

A inserção marginal dos trabalhadores de rua (dos quais fazem parte os vendedores ambulantes, os camelôs, os comerciantes de pequenas barracas) contribui para que a reprodução de suas existências (de vida e trabalho) aconteça em condições precárias. Esses trabalhadores não estão protegidos socialmente, não têm uma jornada de trabalho fixada previamente, não conseguem projetar o futuro em razão da incerteza de suas atividades, e ainda enfrentam “a ação disciplinadora e repressora do poder público através da fiscalização dos agentes da prefeitura (o Rapa); as péssimas condições do comércio, uma vez que se trata de um tipo de atividade que depende diretamente da oferta de bens e serviços para a população” (DRUCK E OLIVEIRA, 2008, p. 11). Além disso, as condições de trabalho que as ruas proporcionam - como a falta de infraestrutura, as intempéries climáticas e as péssimas condições de iluminação, higiene e saúde -, comprometem o trabalho e a qualidade de vida dos trabalhadores.

As atividades desses comerciantes são de pequenas proporções. Normalmente, eles adquirem pequenas quantidades de determinada ou de uma miscelânea de mercadorias, com o

auxílio de um crédito limitado, não possuem um local apropriado para o desenvolvimento dos seus comércios, se inserem em oportunidades temporárias e na maioria dos casos se mantêm permanentemente na informalidade (DRUCK e OLIVEIRA, 2008).

Os trabalhadores sem emprego que fazem parte do mercado de trabalho informal precisam criar possibilidades e estratégias variadas de reinvenção. Para isso, esses trabalhadores se utilizam de muita criatividade para garantir a própria sobrevivência e a sobrevivência das suas atividades. No bojo dessas discussões, insere-se o trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa.

### **O trabalho, a memória e as contradições no Santuário do Senhor Bom Jesus**

O trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa é um trabalho que faz parte, preponderantemente, da “economia pobre” (SANTOS, p. 199) e se processa sob os moldes da informalidade. Caracterizado dessa maneira, em relação aos trabalhadores que sobrevivem do trabalho nas romarias, compreende-se que esse recorte da “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2009), está logicamente submetido aos problemas advindos da vulnerabilidade social, próprios das formas de trabalho desprotegidas socialmente.

Quando chegamos em Bom Jesus da Lapa e adentramos “o espaço das romarias”<sup>vii</sup>, percebemos que esse espaço é marcado pela presença de muitos trabalhadores (as) e de um comércio muito forte, que movimenta de maneira expressiva a economia da cidade. Além da igreja sagrada, feita de pedra e luz, no espaço que concentra o santuário do Bom Jesus e a movimentação das romarias, estende-se um vasto comércio que, juntamente com a memória social da sacralidade do lugar, sobrevive há muitos séculos.

Desse modo, nas romarias da Lapa se misturam a um só tempo: igreja e comércio, fé e mercadorias; pedidos, promessas, votos e produção da sobrevivência; sacerdotes, romeiros, turistas e trabalhadores (as). O lugar geográfico e empírico, onde ocorrem as manifestações religiosas e onde a memória que afirma a sacralidade do lugar adquire permanência, é também um lugar de trabalho, de produção da sobrevivência, de elaboração constante de estratégias criativas, de resistência às racionalidades e às contradições do sistema capitalista, e também de participação no seu processo de acumulação, a partir da distribuição das mercadorias produzidas em seus circuitos.

São a essas pessoas trabalhadoras e aos seus trabalhos que nos voltamos, e é a partir da perspectiva delas que intencionamos compreender as relações entre a memória socialmente construída sobre a cidade de Bom Jesus da Lapa e a elaboração das estratégias de trabalho e sobrevivência desses trabalhadores (as) que se reproduzem a partir do trabalho nas romarias e do comércio de artigos religiosos realizado na porta do santuário. Compreendemos que por trás de um fenômeno de fé e religiosidade, existem, de modo ofuscado/obscurecido, diversas pessoas que, “devido às condições estruturais da sociedade de classes lutaram e continuam lutando pelo direito à vida” (TIRIBA, 2011, p. 241).

As pessoas que pesquisamos possuem histórias de vida específicas, mas com similitudes que devem ser consideradas, quando a proposta é a compreensão das suas trajetórias e experiências, enquanto coletivo constituído. Quando nos propusemos a investigar o comércio de artigos religiosos da Praça da Bandeira, percebemos que ele é formado essencialmente por homens e mulheres que nasceram em Bom Jesus da Lapa ou se mudaram para esta cidade ainda crianças, e trabalharam durante a vida inteira em atividades relacionadas aos fluxos de pessoas que peregrinam periodicamente ao Santuário do Bom Jesus. Essa percepção nos conduziu à seguinte compreensão: os proprietários das barracas de artigos religiosos, que estudamos, são pessoas que possuem relações de longa duração com o lugar.

Quanto às trajetórias dos trabalhadores (as) que se deslocaram de outras cidades e se estabeleceram em Bom Jesus da Lapa através do trabalho informal que discutimos, percebemos que são marcadas prioritariamente pela busca por melhores condições de vida e trabalho. Com isso, a respeito desse movimento de se deslocar e permanecer, que observamos em relação à Bom Jesus da Lapa, entendemos que, para o sertão opaco e economicamente pouco expressivo, o brilhantismo religioso desse lugar possivelmente representou/representa possibilidades de trabalho e sobrevivência, para trabalhadores (as) desempregados, ainda que as oportunidades de trabalho de que falamos aqui, sejam essencialmente informais, precárias e não gerem renda suficiente para que tais trabalhadores (as) deixem a condição de pobreza.

Todavia, consideramos que não podemos tomar o fator “busca por uma vida melhor”, como o único elemento responsável pela chegada e estabelecimento de pessoas, e mesmos de famílias inteiras, em Bom Jesus da Lapa. Considerando as condições de vida e trabalho que a cidade de fato oferecia/oferece, nos questionamos se a dinâmica econômica do lugar foi o único ou o principal motivo para as migrações das famílias que encontramos no comércio de

artigos e religiosos, visto que, conforme já foi dito, a economia da cidade ainda depende dos impulsos dados pelas romarias e a maior parte das oportunidades de trabalho se encontra no mercado informal ligado ao turismo religioso - o que em outras palavras significa que estamos tratando de oportunidades de trabalho informal, precário, sazonal e desenvolvido na rua, sem condições adequadas de trabalho e desprotegidas socialmente.

Desse modo, as origens de muitos trabalhadores (as) que sobrevivem do comércio “na porta da igreja” estão relacionadas a histórias de antepassados (pai, mãe, avós) que peregrinavam provavelmente desses modos, com a finalidade de cultuar o Senhor Bom Jesus, e nesse processo de ir e vir começavam a se identificar com o lugar e a vislumbrar possibilidades de vida e trabalho nele. Assim, em muitos casos traziam suas famílias e se inseriam na exploração das atividades ligadas às romarias, já que eram as oportunidades de fácil inserção e economicamente viáveis, mais vantajosas, considerando a dinâmica econômica do lugar.

As histórias contadas pelos trabalhadores (as), a respeito do modo como vão se constituindo no lugar, nos permite compreender que, parte dos comerciantes de artigos religiosos que possuem barracas fixas na frente do Santuário do Bom Jesus, migrou de cidades próximas ou distantes, na tentativa de melhorar suas condições de vida. São pessoas de famílias de vida simples, baseada nas dificuldades de não possuir empregos formais, tampouco perspectivas de tê-lo. Ao que percebemos, também não tiveram possibilidades de prosseguir no processo de escolarização formal, e, em muitos casos, até mesmo de ingressar nele, pois suas sobrevivências sempre estiveram calcadas no trabalho árduo e pouco valorizado, desde crianças.

Por outro lado, percebemos também que as relações de grande parte desses trabalhadores (as) com a cidade, estão relacionadas à memória social que elas e/ou seus familiares já tinham a respeito desse lugar, de modo que, em geral, inicialmente suas famílias eram convidadas e atraídas a ele pelos motivos religiosos que já expusemos. Contudo, para aqueles que foram visitar o Senhor Bom Jesus da Lapa e permaneceram trabalhando nas romarias, se em um primeiro momento a influência que a memória exercia sobre eles, relacionava-se precipuamente à devoção ao Bom Jesus, com o tempo, começavam a ver nessa cidade e no crescimento que sua sacralidade vinha lhe proporcionando, suas possibilidades de trabalho e sobrevivência,

Grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras que sobrevivem da movimentação do santuário, nasceu em Bom Jesus da Lapa e muitos deles começaram a trabalhar nesse lugar, vendendo artigos religiosos, ainda crianças, ajudando os pais ou trabalhando para outros comerciantes. Com trajetórias e experiências também marcadas pela falta de oportunidades, tanto de empregos formais, quanto do prosseguimento no processo de escolarização, para essas pessoas que já nasceram envolvidas com o trabalho nas portas do Santuário do Bom Jesus, suas vidas inteiras se passaram ali, naquele espaço - “desde sempre”, como fazem questão de enfatizar - trabalhando, comprando, vendendo, reproduzindo as suas vidas e também constituindo maneiras específicas de desenvolver essa atividade, que se apropria da memória social da fé ao Bom Jesus, comercializando-a aos próprios fiéis, através dos objetos que a materializam.

Pelos relatos, percebemos que as lógicas de sobrevivência das famílias desses trabalhadores (as) que mencionamos estavam pautadas em experiências semelhantes, relacionadas à apropriação e ressignificação do fenômeno cultural religioso e da memória social que lhe está atrelada, e isso permaneceu porque essas experiências foram sendo mantidas, transmitidas, ensinadas e aprendidas naquele espaço.

Quando tomamos por objeto as relações entre o trabalho informal das romarias e a memória - seja referindo-nos à memória socialmente constituída sobre um lugar sagrado, ou à memória coletiva de trabalhadores (as) sem emprego que passam a conceber o lugar e a religiosidade precipuamente a partir do seu viés econômico -, estamos nos preocupando com relações que envolvem simultaneamente a materialidade e a imaterialidade. Isso porque o trabalho está intrinsecamente atrelado à produção material, enquanto a memória remete inevitavelmente a temporalidades, recomposições e, portanto, ideias, sentimentos, emoções que vão sendo adquiridos pelas experiências – experiências essas, historicamente herdadas, como deixou claro Thompson (1987), quando das suas análises a respeito da formação da classe operária inglesa.

Pelo que foi possível compreender, os trabalhadores (as) que participaram do estudo, nascidos ou não em famílias que já comercializavam artigos religiosos, precisaram começar a trabalhar muito cedo para ajudarem no sustento da família. Contudo, embora o trabalho nas romarias se apresentasse como a possibilidade de inserção mais acessível e atrativa, na realidade trata-se de um tipo de inserção informal e precária, que está relacionada com as contradições do sistema capitalista, refletindo o desemprego, a pobreza, as condições

precárias de inserção socioeconômica, produzidas na sociedade capitalista, global e localmente. Dessa forma, consideramos que o espaço onde são comercializados os artigos religiosos, além de um importante lugar de fé, religiosidade e memória, é um espaço de resistência, e também de luta pela sobrevivência, em meio às contradições do modo de produção hegemônico.

Os trabalhadores (as) informais que comercializam artigos religiosos em Bom Jesus da Lapa, são pessoas sem empregos formais e sem remunerações fixas; não possuem perspectivas de aposentadoria, não estão amparadas pelos direitos trabalhistas e não têm jornadas de trabalho previamente fixadas e humanamente dignas; são pessoas que se inseriram marginalmente na economia e no mercado de trabalho, através das oportunidades emergidas no contexto do espaço turístico religioso e por meio da informalidade do trabalho de rua (DURÃES, 2011).

Esses trabalhadores (as) que trabalham nas ruas, enfrentando péssimas condições de trabalho, são pessoas que pertencem à “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2009) - conforme já mencionado – e, logo, são pessoas que necessitam trabalhar para a reprodução das próprias vidas; pessoas que sobrevivem necessariamente por meio do trabalho; que já nasceram em famílias cujo sustento sempre esteve atrelado ao trabalho árduo e braçal, e por isso mesmo são pessoas que já nasceram envolvidas com o trabalho, precisaram trabalhar desde crianças e aprenderam a constituir, desde muito cedo, as suas existências, trabalhando. Foi principalmente no próprio processo de trabalho, que esses trabalhadores e trabalhadoras se prepararam para ele e aprenderam a desenvolvê-lo, a partir das estratégias que foram elaborando e se apropriando ao longo da vida.

O trabalho de rua (DURÃES, 2011) é um modo de inserção, informal, precária e desregulada, que se apresenta como uma oportunidade de trabalho e sobrevivência para as pessoas que, sem emprego formal vão criando formas, elaborando estratégias, reinventando meios para se inserirem na economia e no mercado. Além disso, observando as mercadorias que são comercializadas, podemos considerar que esse trabalho das barracas de artigos religiosos de Bom Jesus da Lapa, é um trabalho informal, que também participa do processo de acumulação do capital, pois está ligado ao circuito da economia capitalista, através da distribuição de produtos produzidos por suas empresas.

## Considerações finais

Apresentemente, o trabalho que acontece nesse espaço, poderia ser caracterizado apenas como um trabalho informal de vendedores de rua (DURÃES, 2008), que possui as características das atividades da economia pobre, ou do dito “circuito inferior da economia” (SANTOS, 2004) e concebido, sobretudo, como reflexo das contradições do sistema capitalista. Contudo, como diria Cury (1986), entendemos que o que esse fenômeno, em aparência, revela sobre si mesmo, oculta a essência do que ele de fato é, e foi tentando captar essa essência, que nos deslocamos ao campo da memória, com o intento de compreender o comércio de artigos religiosos das romarias de Bom Jesus da Lapa. Foi, portanto, da pressuposta relação entre a memória social e o trabalho informal, que partimos.

A partir do campo da Memória, compreendemos como esse lugar foi se constituindo sagrado, como foi se diferenciando dos demais e como a memória foi, a um só tempo, constituindo-se socialmente a partir dele, constituindo-o e se concentrando no espaço, tornando-se um “lugar de memória” (NORA, 1981), de maneira que permanece até hoje, atraindo fiéis e trabalhadores (as), que a mobilizam de diferentes modos, continuamente. Foi compreendendo a memória social construída sobre esse lugar, que pudemos compreender o próprio lugar, o que o diferencia dos outros, quais influências exerce sobre a vida das pessoas religiosas – que inclusive, têm grande importância no seu processo de demarcação, sacralização e duração -, para, então, compreender a inserção e a permanência dos trabalhadores no trabalho informal do comércio de artigos religiosos das romarias.

Adentrando ao campo do Trabalho, fomos compreendendo como o sistema capitalista cria e recria as condições ideais para a sua expansão constante e para a concretização das suas lógicas, e como isso repercute amplamente na constituição dos espaços e no processo de trabalho. Em relação aos espaços, entendemos que o modo de produção hegemônico vai guiando-se pela seletividade e assim produzindo e reproduzindo a heterogeneidade da realidade social. Dessa compreensão, utilizamos o conceito do “circuito inferior da economia” (SANTOS, 2004), para nos situarmos em relação ao trabalho que constitui o objeto em estudo, no âmbito de reprodução do capital.

Contudo, embora os trabalhadores (as) se reproduzam em meio a essas contradições e espoliações, eles também lutam e resistem a elas, criam as suas próprias estratégias de trabalho e de sobrevivência. Desse modo, consideramos que o lugar de religiosidade, fé,

memória e trabalho é também um espaço de luta e resistência, uma vez que, impelidos pela necessidade de produção e reprodução da existência, os trabalhadores (as) criam e recriam diversas estratégias de trabalho e de sobrevivência.

Nessa perspectiva, o trabalho informal se mostra como uma possibilidade. Sem empregos formais, muitas vezes sem qualificação e sem capital, os trabalhadores (as) com necessidades, que são imediatas e continuamente produzidas, inserem-se nas atividades informais da economia pobre, através de oportunidades de trabalho, muitas vezes degradantes, como é exemplo o trabalho dos vendedores de rua (DURÃES, 2011).

Em Bom Jesus da Lapa, o trabalho informal que estudamos pode ser compreendido a partir dessa perspectiva, levando em consideração que as estratégias dos trabalhadores (as) das romarias, possuem relação com a memória social dessa cidade santuário, já que é dela que os trabalhadores se apropriam, quando se inserem estrategicamente nas oportunidades de trabalho emergidas no bojo da sacralização do lugar.

Assim, trabalhadores e trabalhadoras sem empregos formais, sem capital e com pouca ou nenhuma qualificação, apoderam-se da memória social de Bom Jesus da Lapa, recompondo-a e ressignificando-a, a partir da perspectiva econômica, de modo que um fenômeno que originalmente atrairia pessoas em torno de si para o exercício exclusivo da fé, também atrai homens e mulheres trabalhadores, que utilizam a sacralidade do lugar, para comercializar artigos a ela relacionados, muitos dos quais, são produzidos por empresas capitalistas.

Na medida em que fomos compreendendo o trabalho dos homens e mulheres que sobrevivem do comércio informal e precário de artigos religiosos, oportunizado pelas romarias e pela sacralidade de Bom Jesus da Lapa, fomos entendendo que as experiências de trabalho e sobrevivência desses trabalhadores e trabalhadoras estão relacionadas também à memória de um trabalho que foi sendo mantido e transmitido por comerciantes que ali sempre estiveram e também foi sendo incorporado por aqueles que ali chegaram, e ali buscaram como possibilidade de trabalho, essa forma de trabalho que vem ao longo do tempo, sobrevivendo, recebendo, mantendo nesse lugar de trabalho, relações ou modos próximos de fazer não apenas esse trabalho, mas a própria existência, em um determinado espaço e em um processo dado, no qual a sua própria duração possibilitou a transmissão de experiências e a incorporação de outras pessoas, que de uma forma ou de outra se colocaram sob as influências dessa memória, desse espaço geográfico, religiosamente constituído, desse lugar de memória.

Compreendemos que no processo de manutenção do lugar e das memórias relacionadas a eles, não é apenas o movimento dos fiéis do Bom Jesus e das pessoas religiosas que vão demarcando o espaço, constituindo e mantendo esse lugar em suas características. Além da interferência dessas pessoas, na constituição desse santuário, da sua sacralidade e da sua memória social, os sujeitos trabalhadores também se fazem presentes, imprimindo suas intenções de preservação e participando de modo constante, principalmente através do comércio da infinidade de artigos religiosos que identifica o lugar, a fé e a memória social de que falamos.

Compreendemos também, que a memória social que constituiu Bom Jesus da Lapa em sua sacralidade e simultaneamente se constituiu nesse lugar, não contribui apenas para que o lugar se preserve sagrado e para a sobrevivência das pessoas que, em meio às contradições do sistema capitalista, precisam elaborar estratégias para trabalhar e sobreviver. Consideramos que essa memória social que mantém Bom Jesus da Lapa como um lugar santo, contribui também para a concretização dos interesses e racionalidades do capital, pois o lugar, por sua movimentação relacionada à fé e à religiosidade, proporciona a comercialização de muitas mercadorias produzidas nos circuitos capitalistas, embora as suas racionalidades não sejam as únicas que se movimentam nesse espaço, conforme visto.

## Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Informalidade e acumulação capitalista: a centralidade do trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

CURY, Carlos Alberto Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica de fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez: autores associados, 1986.

DRUCK, Graça; OLIVEIRA, Luiz Paulo. *A condição “provisória permanente” dos trabalhadores informais: o caso dos trabalhadores de rua da cidade de Salvador*. Revista VeraCidade – Ano 3. N° 3 – Maio de 2008.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. Novas formas de trabalho no capitalismo: os camelôs globais de produtos tecnológicos. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

FILGUEIRAS, Luiz A. M.; DRUCK, Graça; AMARAL, Manoela Falcão do. *O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica*. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 41, p. 211-229, Mai./Ago. 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, 224 p.

MALHEIROS, Gustavo. *Pedra e luz*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP – Brasil, 1981.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SANTOS, Milton. *O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

TAVARES, Maria Augusta. *Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2004.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução: Denise Bottmann – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TIRIBA, Lia. SICHÍ, Bruna. Os trabalhadores e a escola: de olho na(s) cultura(s) do trabalho. In: TIRIBA, Lia. CIAVATTA, Maria (orgs.). *Trabalho e educação de jovens e adultos*. Brasília: Liber Livro e Editora, UFF, 2011.

## NOTAS

<sup>i</sup> Trata-se de um grande bloco de granito e calcário cheio de grutas e fendas estreitas, que abriga as igrejas/grutas principais (Gruta da Soledade e Gruta do Bom Jesus). O “Morro da Lapa”, como comumente é conhecido, constitui o elemento central do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Esse morro se encontra no perímetro urbano da cidade e teve grande importância no seu processo de sacralização, devido à crença de que foi formado por um ato divino da natureza e de que constitui uma pedra da qual emana uma luz santa.

<sup>ii</sup> Trata-se de um grande bloco de granito e calcário cheio de grutas e fendas estreitas, que abriga as igrejas/grutas principais (Gruta da Soledade e Gruta do Bom Jesus). O “Morro da Lapa”, como comumente é conhecido, constitui o elemento central do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Esse morro se encontra no perímetro urbano da cidade e teve grande importância no seu processo de sacralização, devido à crença de que foi formado por um ato divino da natureza e de que constitui uma pedra da qual emana uma luz santa.

<sup>iii</sup> Para Santos (2004, p. 199), “o circuito inferior também poderia ser bem definido pela fórmula de Lavoisier: ‘nada se perde, nada se cria, tudo se transforma...’ O jornal usado torna-se embalagem, o pedaço de madeira se transforma em cadeiras, as latas, em reservatório de água ou vasos de flores e etc. [...] Muitos utensílios comerciais e domésticos são produtos de recuperações e a vida de uma peça, aparelho ou motor pode ser prolongada pela engenhosidade do artesão”.

<sup>iv</sup> Druck e Oliveira (2008, p. 3), consideram que o trabalho informal e precário é fruto das “contradições intrínsecas ao processo de acumulação capitalista que produz, por sua própria lógica, um excedente de trabalho necessário para a reprodução do sistema”.

<sup>v</sup> Druck e Oliveira (2008) analisam a condição dos trabalhadores que ingressam no mundo do trabalho informal, como uma condição “provisória permanente”, já que na sua maioria, estes trabalhadores alimentam a esperança de ter um emprego com carteira assinada (protegido socialmente). Para estes autores, elas constituem experiências vivenciadas por eles “sob o signo de provisórias”, entretanto, “as possibilidades efetivas de inserção ou reinserção no núcleo estruturado do mercado de trabalho tornaram-se mínimas no contexto de desregulamentação e flexibilização do trabalho” (DRUCK e OLIVEIRA, 2008, p. 19), fazendo do trabalho informal, uma condição permanente, embora não seja percebida assim pelos próprios trabalhadores.

<sup>vi</sup> Chamadas de consultoras, essas revendedoras participam ativamente da cadeia de distribuição de cosméticos de empresas nacionais e internacionais de grande porte, mas, na realidade, não possuem qualquer contrato de trabalho com essas empresas, devem assumir todos os riscos durante o processo da venda, realizam o *marketing* gratuito e ainda são grandes consumidoras dos produtos comercializados. Ver Abílio (2011, p. 113- 134).

<sup>vii</sup> Chamamos aqui de “espaço das romarias” o local que conjuga o Santuário e a Praça da Bandeira, que fica em sua frente. É nessa praça que se estende o comércio de artigos religiosos e as oportunidades de trabalho relacionadas ao lugar. Tanto moradores da cidade, quanto os trabalhadores com quem conversamos, costumam tomar o lugar pelo fenômeno e se referem a esse espaço como simplesmente “romarias” ou “o lugar das romarias”. Por isso, em alguns momentos, também nos referimos assim.

---

### Sobre as Autoras

Karolyn de Oliveira Almeida – Pedagoga, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

E-mail: karolalmeidauefs@gmail.com.br

Ana Elizabeth Santos Alves – Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunta da Universidade Estadual da Bahia (UESB) e Docente do PPG Memória: Linguagem e Sociedade.

E-mail: Ana\_alves183@hotmail.com